

À Prof. Maria Schimberg,
com a admiração do Luciano

27/5/83

A obra de Jorge André Swieca e o seu papel na física brasileira*

Recebido para publicação em 28/7/1981

A. LUCIANO L. VIDEIRA, Departamento de Física Matemática, Instituto de Física, USP.

Em fevereiro deste ano, na "1ª Escola de Física Jorge André Swieca", realizada no *campus* da Universidade de São Paulo, o Professor Bert Schroer da Universidade Livre de Berlim apresentou em três conferências uma análise ampla e compreensiva dos vinte anos da obra científica do homem cuja memória estamos hoje aqui homenageando.

Talvez fosse Bert Schroer, o amigo e colaborador sensível de tantos anos, que devesse estar aqui, em meu lugar, trazendo-nos com muito maior fidelidade, penetração e poder analítico, a visão profunda que ele, mais do que ninguém, tem dos trabalhos de Swieca. Eu mesmo só aceitei a responsabilidade de lhes vir falar depois da garantia de Bert de que me auxiliaria na preparação das minhas notas.

Apesar disso, devido ao hermetismo para os não iniciados — e quase eu escrevia hermiticidade, o que, dado o assunto de que se trata, talvez fosse até apropriado —, receio que não tenha conseguido, nem de longe, captar, seja da conversa que mantive com ele, seja da leitura do seu trabalho (1), toda a essência, toda a magnitude, todo o valor da obra de Jorge André Swieca.

Apesar de ter convivido com Jorge André desde praticamente a nossa primeira juventude, a minha intimidade com a sua obra foi sempre necessariamente superficial, incompleta e fragmentada. Acompanhando-a um tanto à distância, eu tomava conhecimento dela de forma esporádica, descontínua, unicamente através de eventuais seminários do próprio Jorge André e de conversas informais com ele, já que a leitura dos seus trabalhos seria, para mim, necessariamente bastante difícil.

Contudo, como já tive oportunidade de mencionar (2), André tinha desenvolvida a um

grau extremo a faculdade de poder expor de maneira profunda e séria, porém clara e transparente, os mais técnicos e difíceis problemas da sua especialização, coisa, para quem tem qualquer familiaridade com a teoria quântica de campos, praticamente impossível de ser imaginada, quanto mais efetivada.

Como eu disse, "essa sua característica raríssima, de poder explicar em termos simples, de fazer traduções intuitivas, estava justamente centrada no poder que ele tinha de 'ver' os problemas e, 'vendo-os', de lê-los, de interpretá-los, de entendê-los muito mais profundamente. Essa característica de tradução, associada a uma maneira afável, educada, não agressiva, e implementada, muitas vezes, na forma de um diálogo, fazia com que os seus interlocutores, além de também passarem a 'ver' as coisas, pudessem, até, convencer-se de que haviam visto sozinhos (2)".

Desse modo, André, com a simplicidade e lhanza de trato, que tanto o caracterizavam, prestava-se sempre, de bom grado, a "traduzir-me" alguns dos seus resultados de que eu lhe solicitasse uma explicação.

Extremamente modesto e retirado, ele nunca alardeava qualquer conclusão a que tivesse chegado, qualquer solução que tivesse obtido, qualquer teorema que tivesse encontrado. Desse modo, era sempre indiretamente que eu tomava conhecimento de que valia a pena eu esforçar-me para inteirar-me de algum desdobramento do seu trabalho. E note-se que esses desdobramentos, esses resultados, essas conclusões, situam-se — e são os especialistas que o dizem — entre as mais importantes contribuições à teoria quântica dos campos destes últimos vinte anos.

Apesar, portanto, do meu relativo distanciamento da sua obra, sempre tive consciência plena da magnitude e da relevância do trabalho que ele vinha desenvolvendo. Magnitude e relevância essas não apenas a nível local, mas indubitavelmente a nível internacional.

* Conferência proferida na XXXIII Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Salvador, de 8 a 15 de julho de 1981.